

Desenvolvimento

A carne brasileira e o mercado internacional

Fernando Sampaio *



LUIZ CARLOS MIRALANSKI FOLHA/IMAGEM

Contêineres no porto de Santos, SP, 2000

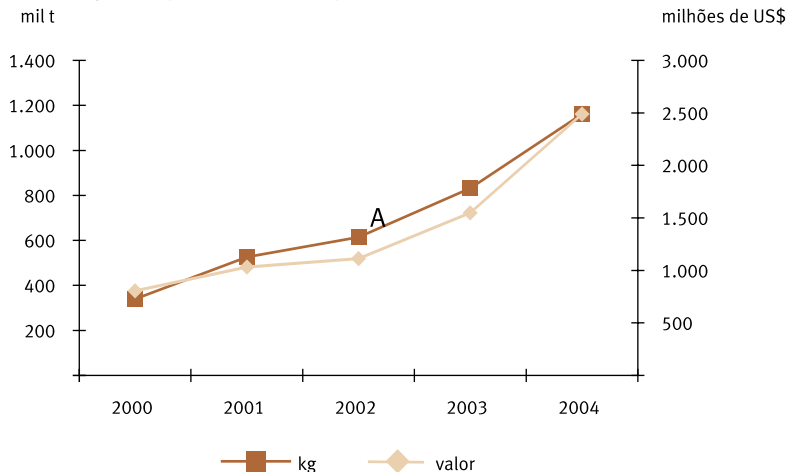
2004, ao ultrapassar a Austrália, o maior exportador mundial do produto. Muito desse impressionante sucesso deve-se, sem dúvida, à ampliação da capacidade técnica dos pecuaristas e dos frigoríficos brasileiros que, depois do chamado Plano Real, caminharam para a formalização e profissionalização do setor. Outra parte explica-se pelas mudanças no mercado

mundial de carne, as quais o Brasil soube muito bem aproveitar.

Os fluxos de carne bovina no mercado mundial sempre foram bem definidos, até a década de 90, quando teve início uma série de crises, mudando substancialmente esse cenário. Pode-se dividir os principais fluxos de comércio de carne bovina em duas grandes áreas: o merca-

do do Pacífico e o mercado do Atlântico (Figura 2). No mercado do Pacífico, os principais produtores são Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos, e os principais importadores são Japão e Coreia do Sul. Os Estados Unidos, além de serem grandes produtores, sempre foram grandes importadores, principalmente da carne proveniente do Canadá, mas também

FIGURA 1 | EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA



Fonte: Abiec, 2004

FIGURA 2 | FLUXO MUNDIAL TRADICIONAL DE COMÉRCIO DA CARNE BOVINA



Fonte: USDA, 2003; Ojival, 2003

FIGURA 3 | FLUXO MUNDIAL ATUAL DE COMÉRCIO DA CARNE BOVINA



Fonte: USDA, 2003; Ojival, 2003

da originária da Austrália e da Nova Zelândia. No lado Atlântico, os países do Mercosul sempre foram fornecedores privilegiados da Comunidade Européia que, por sua vez, dominava o mercado do Leste Europeu, Rússia e do Oriente Médio. Outros produtores, como os países do Sul da África (Namíbia, Botswana e África do Sul), e também a Austrália e a Nova Zelândia, mantiveram, embora em menor escala, fluxos regulares de fornecimento de carne aos países europeus.

Diferentes fatores contribuíram para a mudança desse cenário, em favor do Brasil (Figura 3):

- Os acordos do General Agreement on Tariffs and Trade (GATT), que precederam à Organização Mundial do Comércio (OMC), tendo início em Tóquio, no ano de 1980, e sendo finalizados em Marraqueche, no ano de 2000.
- As diferentes crises sanitárias relacionadas à febre aftosa e à doença da vaca louca (afetando principalmente Europa, Argentina, Uruguai, Estados Unidos e Canadá).
- As relações cambiais entre dólar, real, peso argentino e euro.

MERCADO ATLÂNTICO

A União Européia ocupou o posto de número um das exportações mundiais de carne entre 1991 e 1993, sendo responsável, nesse período, por uma fatia entre 19% e 23% de todo o comércio mundial do produto. No entanto, de 1992 a 2001, suas exportações caíram significativamente, especialmente a partir de 1996, quando surgiu a primeira crise de BSE (o mal da vaca louca). A queda foi causada por barreiras sanitárias levantadas pelos países que antes eram seus clientes, pela diminuição de seus rebanhos e de sua produção (-19% de produção, em 11 anos), e ainda pela diminuição dos subsídios à exportação oferecidos por Bruxelas. A ajuda média à exportação passou de € 1,45/kg, em 1995/1996, para € 0,80/kg, em 2001/2002. Essa diminuição de apoio à exportação está incluída nas negociações

TABELA 1. EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DA UNIÃO EUROPEIA PROVENIENTES DO MERCOSUL (EM 1.000 TEC)

Ano	CORTES DE CARNE REFRIGERADA				CORTES DE CARNE CONGELADA				CARNE COZIDA	TOTAL
	Argentina	Brasil	Uruguai	Paraguai	Argentina	Brasil	Uruguai	Paraguai	Todos	Todos
1995	27,8	4,4	4,4	0,0	25,7	18,1	13,4	1,5	105,7	303,6
1996	28,1	4,6	6,5	0,0	26,3	23,6	14,4	1,0	86,5	283,0
1997	27,5	6,1	6,8	0,0	27,4	30,3	22,5	1,2	86,4	305,4
1998	26,7	6,9	7,0	0,0	11,0	38,1	19,7	0,8	82,7	283,7
1999	32,8	14,9	7,8	0,0	11,9	55,8	11,9	0,8	90,3	330,3
2000	32,2	22,3	6,7	0,1	8,1	65,7	9,9	0,5	87,0	337,2
2001	8,9	36,3	4,6	0,7	3,4	65,1	9,6	0,5	85,7	313,8
2002	46,6	40,2	9,7	0,2	10,5	76,9	20,6	0,3	92,9	424,4
2003	38,7	57,2	7,9	0,1	12,6	84,0	8,6	0,5	98,3	439,7

Fonte: Eurostat

do GATT e na reforma da política agrícola comum da UE, com a intenção de tornar livre o comércio mundial.

Os grandes mercados da Europa antes da crise eram os países do Leste europeu e dos Orientes Médio e Próximo. Em 2001, após a segunda crise da “vacalouca”, cerca de 75% das exportações da União Européia tinham a Rússia como destino. Mesmo assim, a oferta de carne européia hoje (Figura 2) não é suficiente para atender ao vasto mercado russo, mesmo com o sistema de quotas criado em 2003 pela Rússia para conter as importações. Os países do Mercosul acabaram ocupando parte do mercado russo – as exportações brasileiras para a Rússia aumentaram 80%, em 2004 – e assumindo o espaço deixado pela Europa nos Orientes Médio e Próximo. Juntos, esses países representam atualmente o mercado mais importante para o Brasil, em volume exportado, equivalentes a cerca de 53% do nosso mercado externo.

A Europa, no entanto, continua sendo o maior mercado em valor exportado para os países do Mercosul, para onde vão cerca de 95% das suas importações de carne bovina. Enquanto os países do Oriente Médio consomem carne dos quartos dianteiros e de menor valor, a Europa é o grande mercado para as peças nobres do quarto traseiro, desossadas,

refrigeradas e congeladas. O Mercosul exporta ainda carnes cozidas congeladas e produtos, como carnes industrializadas (Tabela 1). A ampliação do número de países que compõem a União Européia, de 15 para 25, fez crescer em números absolutos o rebanho, a produção e o consumo de carne bovina europeu, mas não alterou a tendência de queda da produção desses países, como um todo. Ao mesmo tempo, no total desses 25 países, as importações aumentaram 9,5%, de 2003 para 2004. Essencialmente, esse aumento corresponde à entrada de mais carne do Mercosul, e principalmente do Brasil, sendo que, em 2005, espera-se que haja um aumento similar.

Com as negociações do GATT, foram criadas quotas para a importação de carne a taxas reduzidas. Para a carne refrigerada – músculos desossados, conservados entre 0 e 2°C – de alta qualidade, foi criada a quota Hilton (inicialmente negociada para a rede de hotéis Hilton), dividida entre os países exportadores (Argentina: 28.000 t, Brasil 5.000 t, Uruguai 6.300 t, Paraguai 1.000 t, Austrália 7.000 t, Nova Zelândia 300 t, Estados Unidos/Canadá 11.500 t). A carne importada sob a cota Hilton paga 20% de taxa de importação. Fora da cota, a taxa é de 12,8% + € 3,034/kg (taxa conhecida como *Full Levy*).

Para a carne congelada, existe a cota GATT, que é de 53.000 t mas, nesse caso, ela é dividida entre os importadores, dentro da União Européia, de acordo com o histórico de importação e outros critérios, definidos todos os anos pela Comissão Européia. A carne importada com licenças GATT paga também 20% de taxa de importação, e a carne sem licenças paga 12,8% + € 3,041/kg (*Full Levy*). Depois da entrada em vigor dos acordos GATT, o regime alfandegário da União Européia não sofreu mudanças, e durante longo tempo tornou-se inviável a importação de carnes fora da quantidade prevista por essas cotas (Figura 4).

A desvalorização do real, em 1999, e do peso argentino, a partir de 2002, provocaram um surto de crescimento nas importações da União Européia e, mesmo pagando-se todos os direitos de importação (o *Full Levy*), os preços da carne importada desses países ainda chegam ao Mercado Comum Europeu com grande competitividade. Para o Brasil, a crise da febre aftosa – que bloqueou as exportações da Argentina e do Uruguai em 2001, e que afetou aqui somente os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina – alavancou ainda mais as exportações, visto que os europeus, acostumados à carne argentina, optaram pela brasileira. A Argentina ainda recuperou parte des-

sas exportações em 2002, quando a União Européia decidiu conceder 10.000 t extras em cota Hilton para ajudar o país a sair da crise econômica que estava atravessando, desde o fim da paridade peso/dólar.

Mesmo assim, o Brasil ganhou definitivamente a posição de líder no mercado europeu. Especialmente no caso dos congelados, como as licenças são dominadas pelos importadores, esses acabam por comprar sempre mais do Brasil, tendo em vista os preços mais competitivos em relação aos vizinhos. O Uruguai, por ser o único da região que conseguiu a permissão do USDA para exportar aos Estados Unidos, tem direcionado grande parte de sua produção a esse destino, a preços melhores ainda do que conseguia na União Européia. A pecuária bovina tem tomado o espaço da ovinocultura naquele país, aproveitando esse fluxo, tendo-se registrado crescimento no rebanho bovino, de 2003 para 2004, de 2,9%, atingindo 12,6 milhões de cabeças – o nível mais alto em 40 anos.

Sempre em crises sanitárias, o Paraguai tem fornecido à União Européia irregularmente. Sua atuação nesse mercado é cada vez menor. Os países do Sul da África, principalmente Namíbia e Botswana, também enfrentam regularmente crises

sanitárias e irregularidade na produção, mas seus frigoríficos tentam compensar essas dificuldades, mantendo um espetacular nível de qualidade, dentro de suas unidades processadoras. A qualidade microbiológica do produto africano faz com que as indústrias européias produtoras de hambúrgueres e salsichas sejam seus principais compradores.

MERCADO PACÍFICO

A grande modificação dos fluxos de comércio no Pacífico aconteceu depois de 2003, quando surgiram casos de “vaca louca” no Canadá (em maio) e nos Estados Unidos (em dezembro). A Coreia do Sul e o Japão, principais importadores da região, fecharam suas fronteiras às importações vindas da América do Norte. As exportações do Canadá, em 2004, diminuíram em cerca de 546 mil toneladas, e as dos Estados Unidos em 941 mil toneladas. A crise da “vaca louca”, ao contrário do que aconteceu na Europa entre 1996 e 2001, não provocou queda de consumo nos Estados Unidos e no Canadá. A maior oferta de carne nos mercados internos fez aumentar o consumo nesses países, que subiu 2,0% nos Estados Unidos, em 2004. Esse incremento no consumo, junto com a diminuição da produção, fez com

que os americanos mantivessem o posto de maiores importadores do mundo, e ainda aumentassem suas importações em 6,4%, comprando essencialmente carne do Uruguai e do Canadá.

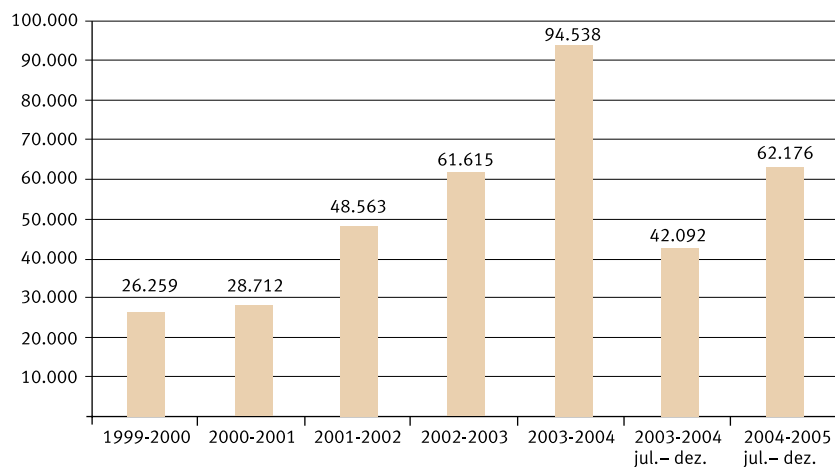
A Austrália não conseguiu aproveitar-se totalmente da “abertura” no mercado asiático deixada pelos norte-americanos, que antes o supriam. Mas, mesmo penalizada pela paridade de sua moeda, pelos altos preços de seu gado e por período de seca, suas exportações aumentaram em 40% para o Japão e em 34% para a Coreia do Sul, mas caíram em relação a outros destinos. Esse aumento nas importações provenientes da Austrália e Nova Zelândia não foi capaz, no entanto, de suprir todas as necessidades da Coreia e do Japão. A menor oferta de carne nesse mercados fez com que o consumo recuasse, respectivamente, em 34% e 15%. O Brasil e a Argentina, por questões sanitárias, ainda estão barrados nesse promissores mercados.

METAS E PERSPECTIVAS

O quadro atual de exportações da carne brasileira (Figura 5) é promissor, mas seu futuro dependerá da capacidade de o país resolver seus problemas estruturais, econômicos e sanitários, tanto para manter-se no patamar conquistado, como para abrir novos mercados. Também é preciso engajar-se nas negociações multi e bilaterais que estão se desenrolando entre os principais parceiros comerciais, além de desenvolver tecnologias e *marketing* capazes de conquistar novos nichos, dentro dos mercados em que a carne brasileira transita.

O ano GATT vai de julho a junho, o que significa que as licenças concedidas – tanto a Hilton como a licença GATT para congelados – têm que ser totalmente utilizadas nesse período. Em maio e junho de 2004, eram muitos os importadores europeus furiosos com os casos de atraso de *containers*, temendo que não chegassem a tempo de uso das licenças de importação. Por que isso ocorreu?

FIGURA 4 | IMPORTAÇÕES ANUAIS DE CARNE (T) PELA UNIÃO EUROPÉIA PAGANDO FULL LEVY NO ACORDO GATT



Fonte: European Livestock and Meat Trading Union (UECBV)

Por causa de casos como a greve dos fiscais agropecuários, a greve no porto de Santos, a falta de *containers* para a exportação ou a falta de espaço nos portos para embarque de mercadorias. E os problemas brasileiros não param aí: existem dificuldades em transportes, na cadeia de refrigeração e congelamento, no controle da febre aftosa, na vigilância das fronteiras – especialmente com a Bolívia e Paraguai – e na implementação da rastreabilidade da carne, entre outros.

Tudo isso compõe uma estrutura que precisa ser remodelada, renovada, exigindo investimentos pesados que precisam ser feitos para que não se “quebre” nenhum elo da corrente. Porém, com o corte recente em 2004-2005 nas verbas do Ministério da Agricultura, quem garante que a Defesa Agropecuária será capaz de combater a febre aftosa? Além disso, falta crédito para a produção, falta financiamento para a exportação, sem falar da pesada carga fiscal incidente sobre os produtos exportados. Enquanto o resto do mundo subsidia e facilita ex-

portações, o Brasil prefere taxar e onerar. Até quando?

No âmbito de suas relações comerciais externas, o Brasil precisa preparar um “batalhão de choque”, unindo seu corpo diplomático, meio acadêmico e profissionais do setor para enfrentar as duras negociações da Alca, do Tratado UE/Mercosul e as negociações multilaterais na OMC. O que essas três negociações têm em comum? A idéia de que a liberalização do comércio está comprometida ou emperrada justamente pelo nó da questão agrícola. Os países ricos – Estados Unidos, Europa e Japão, principalmente – querem proteger seus agricultores de uma invasão de produtos baratos do Terceiro Mundo por meio de subsídios e barreiras tarifárias. Desse modo, mantêm o equilíbrio de suas produções agrícolas e sua auto-suficiência na produção de alimentos. Os países pobres – liderados por Brasil, África do Sul e Índia – argumentam que o mercado livre do comércio de produtos agrícolas é a melhor maneira de ajudá-los a sair da pobreza, já que agricultura é o que sabem fazer de melhor.

A verdade é que os países ricos já se conscientizaram dessa verdade. A pobreza do Terceiro Mundo não interessa a eles, porque produz terrorismo, estimula o narcotráfico e a imigração ilegal, entre outros problemas. A opinião pública desses países já entende e defende a causa dos países pobres. A liberalização do comércio agrícola vai acontecer, mas, obviamente, não será do dia para a noite. A Comissão Européia já ofereceu um aumento da cota Hilton de 100.000 toneladas, para os dez próximos anos, a ser negociada na OMC e no acordo UE/Mercosul. Esse aumento beneficiaria principalmente o Brasil, que hoje é o grande desfavorecido nessa distribuição de cotas. Além desse aumento nas cotas, a Europa ofereceu uma redução gradual de suas barreiras tarifárias. Em compensação, exige maior abertura dos países do Mercosul, nos setores de serviços e

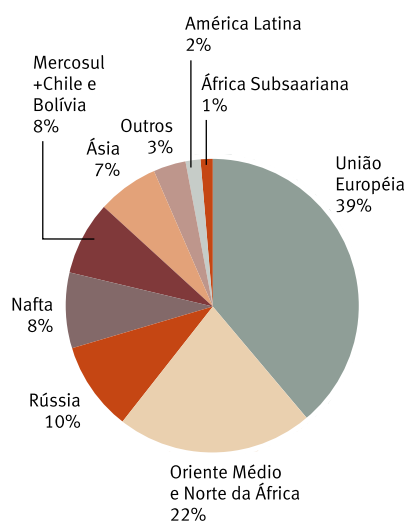
produtos industriais.

Nas negociações da Alca, para liberalizar a agricultura, os americanos exigem, entre outras coisas, medidas extras para a proteção de propriedade intelectual. Em todo caso, o primeiro passo é dizer aos ricos que eles podem sim proteger seus agricultores, mas sem que isso gere excedentes exportáveis que possam ser colocados no mercado internacional, distorcendo preços e prejudicando os que produzem sem subsídios. O Brasil pode conquistar novos espaços dentro dos mercados em que já está presente, principalmente na União Européia. O mercado da carne brasileira *in natura*, hoje, dentro da Europa, está praticamente restrito ao setor “horeca” (setor de hotéis, restaurantes, cafés e de atacadistas, voltados para esse tipo de cliente). Para esse setor, as vantagens da carne importada são claras: ter produto com bom preço, qualidade padrão e disponibilidade, durante o ano todo, principalmente de peças nobres.

Em 2003, cerca de 1/6 do volume de peças do traseiro consumidos na Europa eram importados do Mercosul. Outro tipo de cliente da carne brasileira são as indústrias, como a da *bresaola* (carne defumada e salgada que usa peças como coxão mole e lagarto), na Itália, e outras que usam a carne cozida brasileira como matéria prima para pratos prontos e sopas. Nos dois casos, “horeca” e indústria, o consumidor final raramente sabe de onde vem a carne que está comendo; ou seja, o Brasil é o maior fornecedor de carne da Europa, mas os europeus não sabem disso.

Chegar aos supermercados é o próximo desafio da carne brasileira (e do Mercosul) na Europa. Esse novo mercado já começa a ser aberto em países como Portugal (para a carne brasileira), Espanha e Itália (para a carne argentina), em consequência dos laços culturais existentes entre esses países. Hoje em dia, enquanto frigoríficos europeus produzem, a cada dia, produtos inovadores e adaptados às necessidades

FIGURA 5 | EXPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA (US\$) PELO BRASIL EM 2004



Fonte: Abiec. 2004

do consumidor, o Brasil somente oferece peças embaladas a vácuo, em porções muito grandes e sem apelo visual. Embora contem com validade de quatro meses no vácuo, uma vez fora da embalagem, a carne brasileira tende a perder cor e qualidade mais rapidamente. É preciso que sejam desenvolvidas tecnologias capazes de permitir aos supermercados oferecer produtos adaptados ao gosto e às necessidades do consumidor europeu, fazendo-os conhecer a qualidade da carne do Brasil.

Enquanto os argentinos e os uruguaios propagam intensamente a imagem do Angus criado nos pampas, com sua carne marmoreada, percebe-se ainda uma certa relutância dos brasileiros em usarem a imagem do gado zebu. O Brasil se tornou um gigante no mundo da carne, e tem tudo para ser, neste século, o maior fornecedor de proteína vermelha do planeta. Mas há muito trabalho ainda a ser feito, para se alcançar esse objetivo. ¹²

***Fernando Sampaio** é engenheiro agrônomo e operador de mercado externo de carnes da empresa Zandbergen, da Holanda (fernando@zandbergen.com).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DYCK, John H.; KENNETH, E. Nelson. *Structure*



Cortes de carnes em embalagens especiais, Paris, França

MIGUEL DA ROCHA CAVACANTI / AGRIPONT

of global markets for meat. Washington: United States Department of Agriculture (USDA), 2003.

EXPORTAÇÕES e importações de carne bovina *in natura* e industrializada. São Paulo: Abiec – Secex/Decex, 2000-2004.

INSTITUT DE L'ELEVAGE. *Concurrence des viandes bovines en provenance du Mercosur*. Paris: Ofival, 2004. (Les Cahiers de L'Ofival).

JANK, M. S. et al. *Fast-Tracking a "feasible" EU-Mercosur Agreement: Scenarios for Untying the Agricultural Knot*. São Paulo: Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Icône), 2004. Disponível em: <<http://www.iconebrasil.org.br/Documents/ICONE-EU-MS-Agriculture.pdf>>.

LE MARCHÉ mondial de produits carnes et avicoles en 2004. Paris: Office National Interprofessionnel des Viandes, de l'Élevage et de l'Aviculture (Ofival), 2004. Disponível

em: <http://www.ofival.fr/publications/publication_marche_carnes.htm>.

SEPT ans d'application des accords du gatt dans le secteurs bovin. Paris: Office National Interprofessionnel des Viandes, de l'Élevage et de l'Aviculture (Ofival), 2003.

Copefós.
O melhor amigo
do seu rebanho.
E dos seus lucros.

Fosfato Bicálcico, de coloração branca, produzido com ácido fosfórico desfluorizado e cal hidratada, ambos de altíssima qualidade.

Com Copefós seu rebanho se desenvolve melhor e os resultados crescem mais fortes.

COPEFÓS

Suplemento mineral para alimentação animal

Central de Vendas
(64) 411.8307
www.copebras.com.br

